



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
Gabinete Vereador Natalini

JUSTIFICATIVA

O presente projeto de Decreto Legislativo objetiva conceder a homenagem "Salva de Prata" ao advogado Alcídio Boano.

O projeto de Lei encontra amparo no *artigo 14, inciso XIX, da Lei Orgânica do Município de São Paulo*, que outorga competência privativa à Câmara Municipal de São Paulo em conceder honrarias à pessoas que reconhecidamente tenha prestado serviço ao Município.

O homenageado Alcídio Boano nasceu em São José do Rio Pardo, em 22 de agosto de 1927. Primogênito de 13 irmãos, chegou à Capital em 12 de março de 1947, com 20 anos. Neste mesmo ano, prestou exame no Ministério da Aeronáutica, onde exerceu as seguintes funções: mecânico de vôo e de autos e motorista profissional, até 1951.

Depois de um ano, começou a trabalhar na Companhia Municipal de Transporte Coletivo, onde ficou até dezembro de 1992. Neste local começou sua militância política e sindical, fato que levou em 1975, a sofrer torturas no cárcere pela ditadura militar. Neste período, conviveu com o jornalista e professor judeu Vladimir Herzog, umas das vítimas do período negro vivido pela História Brasileira.

Após ter vencido a estas torturas, os sobreviventes viveram a Abertura Política, a partir de 1985, e o País passou a ser um Estado Democrático. Buono resolveu estudar Direito e atua na área há quinze anos. Hoje, ele também é um dos mitos vivos que conta a História do período negro vivido pelo povo brasileiro, sem liberdade de expressão e pelo assassinato de pessoas que buscavam o ideal de liberdade, igualdade e de uma sociedade mais justa.

Justa a homenagem ora concedida ao advogado Alcídio Boano pela corajosa trajetória de vida e pela luta para transmitir os ideais de democracia, paz e liberdade.

ALCÍDIO BOANO

Rua Mirante do Paranapanema, 279
Vila Bancária Munhoz – Freguesia do Ó - Cep: 02758-040
Brasileiro, casado, Advogado

Formação acadêmica

Faculdades Integrada de Guarulhos (FIG)

Bacharelado em Ciências Jurídicas (Direito)
Dez/1984.

Experiência Profissional

MINISTÉRIO DA AERONAUTICA

Cargo: Soldado/Cabo

Adm. 1947

Dem. 1951

Mecânico de Vôo, Mecânico de Autos e Motorista Profissional, Escola Técnica de Aviação.

Companhia Municipal de Transporte Coletivo

Adm. 02/06/1952

Dem. 31/12/1992

Cargo: Motorista/Mecânico e Assessor de Diretoria

Seminários e Cursos

II seminário Paulista da Sociedade Amigos de Bairro "Participação e Integração"

Exerceu a função de coordenador de grupos

Realizado no dia 10/11/1984

Assinou o Dr. Eduardo Campos Rosmaninho e Oswaldo Pellegrine

Ministério do Trabalho e Previdência Social

Em nome do Ministério do Trabalho, de acordo com o decreto Lei 68225/71 e a Portaria Ministerial n. 3323/71, certificamos que Alcidio Boano participou do 13 congresso nacional de prevenção de acidente do trabalho.

Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexo de São Paulo e Osasco e Itapeverica da Serra



Certificamos que Alcidio Boano participou da sessão plenária do 1.º simpósio sobre segurança e condições de Trabalho em Veículos rodoviários, realizada nos dias, 26,27 e 28 de junho de 1973.

Realizado na sede social de sindicato.

Assinado pelo coordenador e o Presidente Alcidio Boano, que mudou a estrutura do transporte no Brasil, com relação à jornada de trabalho.

Diploma

Participação no Simpósio Internacional de Comportamento no Trânsito-projeto de Educação de Trânsito.

São Paulo, novembro de 1974.

Assina Dr. Mario Alves de Melo – Secretário Municipal dos Transportes e Presidente da Comissão Municipal de Educação do Trânsito.

Divisão de orientação social

Certificado de participação

O Serviço social da indústria – SESI – por seu diretor regional Rafael Noschese – confere a Alcidio Boano – o presente certificado, por ter concluído com aproveitamento o curso de formação cívica de n. 587.

São Paulo, 14 de dezembro de 1962.

Assinado pelo diretor e professor que ministrou o curso

Departamento regional do serviço social

Curso de previdência social

Realizado em 7 de abril de 1964

Soc. Amigos de Vila Bancária

Curso de legislação trabalhista

Realizado em 11 de janeiro de 1963

SESI

Escola Municipal de ensino Supletivo Prefeito "Abraão Ribeiro"

Conclusão de curso supletivo, suplência em nível de 2.º grau, com direito a prosseguimento de estudos em nível superior

05/07/1980

Câmara dos Deputados

Seminário do Direito do Trabalho

De 27 a 30 de novembro de 1972.

Curso de aperfeiçoamento sindical

Realizado em 26 de julho de 1974

Sindicatos dos condutores de veículos rodoviários e anexos de São Paulo – Osasco e Itapeverica da Serra.



Federação nas Indústrias Químicas e Farmacêutica do Estado de São Paulo

05 de setembro de 1971.

Presidente Dr. Alcir Nogueira

OAB/SP

Projeto agora Brasil, realizado no salão nobre da Seccional de São Paulo, onde foram proferidas as seguintes palestras.

André Franco Montoro

Luiz Inácio da Silva

Dr. Leonel Brizola

Senador Fernando Enrique Cardoso

Professor Edílson Furnaro

Senador Marcos Maciel

Vice Governador Almino Afonso

Senador Mário Covas

SP 28/06/1988

Presidente Antonio Carlos Maris de Oliveira

Coordenador: Adilson Abreu Dallari

Coordenador do Projeto: Jose Iunes

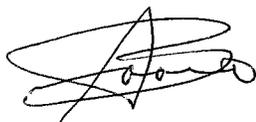
Acrimesp

Associação dos Advogados do Estado de São Paulo

Certifica e confere o presente certificado em participação no curso execução penal e realidade carcerária

SP 05 de abril de 1990.

Presidente: Mario Oliveira Filho



Alcidio Boano

ALCIDIO BOANO

HISTÓRICO DE VIDA

Nascido em São José do rio Pardo, aos 22 de agosto de 1927, registrado no Cartório deste Município aos 15 dias do mês de setembro de 1927, residindo em várias Fazendas, em 1932 passei a residir em uma Fazenda chamada Cachoeira que fazia divisa com o Estado de Minas Gerais, havia um pico muito alto onde os paulistas fizeram trincheiras e, dali eles atiravam nos mineiros que ficavam do outro lado do rio, e que também pertencia à mesma fazenda.

Esta Fazenda tinha três colônias e, eu e meus pais morávamos exatamente na que era paralela ao rio, meu pai colocava os colchões atrás da pilha de sacos de arroz, as paredes eram todas salpicadas de tiros advindo dos paulistas. Por volta de 1938, mudamos para outra fazenda que se chamava Jacuba, próxima da cidade de Lagoas, hoje conhecida por Aguai.

Por volta de 1940, viemos residir a cinco quilômetros da cidade de Casa Branca, eu já contava com treze anos de idade e andava cinco quilômetros por dia para chegar na escola. Na escola somente freqüentava os filhos dos ricos, filho de lavrador não tinha direito a cursar o ensino básico, os filhos dos ricos nos tratavam de caipira, e se juntavam em grupos para nos agredir.

No segundo ano, três filhos dos ricos vieram conhecer São Paulo, na volta das férias os filhos dos ricos voltaram mais violentos, e partiram para a agressão para cima de mim, eu não tive outra alternativa se não em me defender com a vassoura da classe de aula, que acabou quebrando o cabo, eu fui expulso da escola. Nas cidades pequenas os professores lecionavam por *status* geralmente eram os filhos dos Prefeitos, Advogados, Fazendeiros, só consegui tirar o primário quando completei dezesseis anos, os professores que se formaram na escola normal da cidade, ganhava pontos para lecionar a noite para os adultos, em um ano tirei meu certificado do primário.

Ai deixei de puxar a enxada e cortava lenha por metro, mudamos para próximo da cidade, meu pai tinha uma carrocinha e um cavalo, eu passei a pagar CR\$ 25,00 (vinte e cinco cruzeiros) de aluguel por dia, para meu pai, passei a comprar os pomares de laranja, e na época da colheita de cebola, alho e batatas, ia nas fazendas comprar as safras dos colonos, quando atingia a média de duzentas sacas, arrumava um caminhão, transportava para a casa onde nos morávamos que ali havia um salão onde guardávamos as sacas de café.

Por volta de 1939, com o início da 2ª guerra mundial caiu o preço o mercado do café, os patrões acabaram com as lavouras e, no salão depositávamos os produtos comprados na lavoura como cebola, alho, batata, etc...

A cebola era comprada sem restiar e, com o passar dos dias nos cortávamos as taboas e a noite era o serviço para meus irmãos, ou seja, restiar.



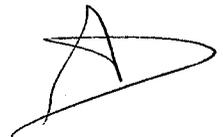
Pagava Cr\$ 0,50 (cinquenta cruzeiros) por arroba da cebola, e vendia aos compradores da cidade de casa branca a média de Cr\$ 8,00 (oito cruzeiros) por arroba.

Com dezenove anos, tirei meu pai da lavoura e cortar lenha por metro e proclamou sua liberdade, e vim embora para São Paulo aprender uma profissão. Meu pai teve condições de criar os doze filhos e estudar quase todos.

Eu vim aventurar a vida nesta grande metrópole, procurava a sua independência, meu pai comprou uma casa no centro de Casa Branca e um caminhão.

Cheguei em São Paulo, em 12/03/1947, para a casa de uma tia de minha mãe, na época rua Oratório, 1548 – Alto da Mooca, como não tinha profissão, iniciei como servente de pedreiro e até o segunda andar tinha que carregar as latas de massa nas costas, assim se passaram seis meses, e não dava nem para comprar um par de meia, mas pagava Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros) por mês de escola preparatória para a escola técnica da aeronáutica, após seis meses à convocação dos voluntários para a Aeronáutica, felizmente no mês de setembro deixei de carregar massa nos ombros, meu sonho era ser aviador, durante os três meses o soldo que eu percebia era em outras palavras Cr\$ 90,00 (noventa cruzeiros por mês), após três meses eu passei a pronto e, recebia Cr\$ 290,00 (duzentos e noventa cruzeiros) por mês. Abriu o curso de cabo, eu pertencia ao QG da 4ª Zona Aérea de São Paulo, existia apenas duas vagas, como eu estava mais preparado, fui promovido, o curso durou seis meses, logo após fui promovido à Cabo, Mecânico de viatura e Motorista, com os proventos de Cr\$ 1.200,00 (mil e duzentos cruzeiros) por mês.

Sou o primeiro filho e, posterior a mim veio mais treze irmãos e, para ajudar no desempenho de minha família, todos os meses eu mandava Cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros) para ajuda da sobrevivência da família.



Informações relevantes para o esclarecimento da motivação política, da detenção e da ocorrência de torturas que vitimaram o requerente no período em que esteve no cárcere:

Estive preso no DOI-CODI, do dia 15 de janeiro de 1975 até o dia 02 de julho de 1975. Foram meses de tortura intensa, não havia a mínima esperança de sair vivo de lá. Levar choques e tapas na orelha eram parte do meu cotidiano, e sempre ouvindo a mesma ameaça: “Se você não abrir o coração, será morto e enterrado como indigente”.

No dia 22/01/1975, disseram que este seria o dia fatal. Fui amarrado na “cadeira do dragão”, levei muitos tapas na orelha, dizia: “Atenda o telefone!”. Neste dia cheguei a ficar totalmente surdo. Levei choques por todo o corpo, e ainda não satisfeitos, soltaram-me da cadeira e deram-me pontapés nos testículos, os dois primeiros doeram muito, mas não cheguei a sentir o terceiro, pois desmaiei, acordando cerca de 6 horas depois, assim que acordei eu pensei: “Graças a Deus Estou vivo!”.

Na “cela especial” em que eu ficava, não havia água e nem banheiro (era obrigado a urinar na roupa), quando os torturadores abriram a porta para começar mais uma sessão de tortura precisava utilizar desodorizadores de ar, pois não agüentavam o meu mau-cheiro. Era especial, pois tinha apenas 32 meio tacos de madeira, não havia como eu me esticar. Nesta mesma cela o companheiro **Vladimir Hersogui** foi morto, penduraram o seu corpo em uma janela feita provisoriamente depois de morto, deixando o encolhido. Ninguém que morre enforcado morre encolhido, ninguém se enforca encolhido; esse foi o assunto de uma de minhas aulas de medicina legal, em que meu professor, ainda no período da recessão, projetou para todos os alunos de minha classe. Fiquei revoltado por terem adulterado a cela, mas, mas felizmente, sai vivo daquele inferno.

As 17:00hs a porta da cela foi aberta, fiquei preocupado, pois pensei que a tortura começaria mais cedo naquele dia. Fui surpreendido por um jovem policial, que me disse: “Sua família esteve aqui e deixou uma sacola com roupas, sabonete e toalhas. Você vai tomar banho e trocar de roupa para receber visitas”. Eu estava quase surdo e com os testículos infeccionados e muito inchados, era necessário caminhar com as pernas abertas. Cheguei ao banheiro, tirei a roupa e a deixei na lixeira. Após tomar banho me senti novo.



Fui conduzido a uma outra cela, na qual encontrei-me com os companheiros do sindicato. Cogitava-se a hipótese de que naquela noite nós seríamos colocados em liberdade. Contávamos as torturas que haviam sofrido. Por volta das 23:00hs, um informante passou nos avisando o horário, mesmo sendo tarde continuávamos otimistas, pois havia a esperança de que os alvarás de soltura poderiam chegar a qualquer momento, então ficamos aguardando. Durante 8 dias tomei apenas café, pensando na possibilidade de tomar café da manhã em casa.

Colocaram capuz preto em todos e nos mandaram colocar as mãos nos ombros, fazendo uma fila. Distribuíram os nossos pertences, e amontoaram 14 pessoas em um camburão que só cabiam quatro pessoas. Percebemos que o carro fazia ziguezague, era a avenida 23 de maio. Depois de 20 minutos percebemos que o veículo dava marcha ré, era o prédio da ODPS (Ordem da política social). Os companheiros disseram que eles costumavam fichar os presos antes de solta-los, estava andando com soldados ao meu lado, ambos com metralhadoras nas mãos.

Disseram para nós entrarmos em uma porta, passamos por um labirinto e chegamos em uma sala, onde ficamos esperando até aproximadamente as 16:00hs, quando nos conduziram para a cela numero 3, onde permanecemos 46 longos dias. Com toda doença ainda era melhor que o inferno do DOI-CODI.

Fomos encaminhados para o presídio do Hipódromo, em um pavilhão adaptado para presos políticos, onde passamos 4 meses. Neste presídio encontramos mais 20 companheiros presos, entre eles 3 professores universitários, 4 engenheiros, 1 médico, 10 metalúrgicos, 3 companheiros do sindicatos dos têxteis, 1 companheiro das entidades de funcionários públicos, 2 companheiros acusados de serem responsáveis pela gráfica do partido, 1 considerado pelo DOI-CODI, o orientador dos trabalhadores nos transportes, 1 advogado, 1 jornalista e 1 secretario do trabalho do governo de Miguel Arrais, do estado de Pernambuco.

No dia 13 de maio, novas esperanças. No interrogatório na Auditoria Militar nos disseram que naquela oportunidade, talvez alguns ganhariam liberdade. O interrogatório durou 2 horas e 30 minutos. Retornei a prisão ainda cheio de esperanças. Do interrogatório saíram livres: Diogo Baesa, Sebastião Amaro de Oliveira e Antônio Cláudio do Espírito Santo.



No dia 30 de junho iniciou-se o julgamento de todos os presos, o qual terminou em 01 de julho de 1975. O nosso grupo dos transportes, após quase 6 meses, foram absolvidos por falta de provas. No dia 02 de julho de 1975 fomos colocados em liberdade, após muitas horas de espera. Por volta das 17:00hs anunciaram o Alvará de soltura de todos os companheiros, menos o meu, e, determinaram que fossem embora. O companheiro Rodrigues e os demais responderam ao delegado Alcides Sigilos, que só sairiam com o companheiro Alcidio Boano. Depois de 2 horas nos colocaram em liberdade. Tive uma recepção com mais de 70 pessoas, pareceu que eu estava chegando de uma guerra, diante de toda aquela solidariedade.

Temos tão pouca liberdade democrática? Muitos derramaram seu sangue e muitos perderam suas vidas.

A luta pela democracia contra a ditadura militar de 1964, custou à liberdade e também causou perdas irreparáveis de trabalhadores. Para mim as torturas não pararam por aí, resolvi estudar, e toda vez que surgia o boato de greve na "Escola Prefeito Abraão Ribeiro" de 1º e 2º graus, sempre havia policiais ao meu lado, achavam que quem as arquitetava era eu, mas mesmo assim fundamos o Centro Cívico da Escola em defesa dos direitos dos alunos, ou seja, Alunos Operários.

Ao retornar a CMTC, fiquei isolado em meio a carros velhos, o cemitério de ônibus, o diretor da manutenção armado. Conseguíamos organizar os trabalhadores em reunião nas igrejas do bairro do Brás nos finais de semana, convidávamos alguns vereadores que engrossaram as nossas fileiras. Conseguimos a destituição da diretoria da CMTC, com isso chegaram o novo presidente acompanhado de uma nova diretoria. Com a união dos trabalhadores conseguimos o quadro de carreira que se arrastava desde 1960 e também a admissão do companheiro Diogo Baessa, que há vários anos lutava para ingressar no quadro de trabalhadores da CMTC, pois mesmo passando nos testes sempre, era impedido pela diretoria que o qualificava de comunista. Uma nova vida começou com a diretoria do Dr. Abdo Adade, o quadro de carreira foi obtido, este vinha desde 1960, e em 1981, conseguimos a sua implantação e um aumento de R\$ 1700 cruzeiros por hora para todos os oficiais com mais de 10 anos, e a reclassificação das demais funções, assim conseguimos unir os trabalhadores da CMTC.



Sendo assim minha batalha na faculdade se iniciou, haviam 600 vagas na FIG (Faculdade de Guarulhos), prestei o vestibular e passei entre os 100 primeiros colocados, no dia 5 de fevereiro fui garantir minha vaga, porém meu nome não estavam entre os 300 que estavam nas listas, fui a secretaria me informar o porque de meu nome não estar publicado, conversei com o secretario, que pertencia ao partido de oposição, o MDB, ele me avisou que eu ficaria na fila de espera, pois sempre havia muita desistência e haviam apenas 2 classificados na minha frente, pedi para eu retornar as Quinta Feiras, pois tinha grandes chances de eu conseguir, após a 3ª ida já haviam 8 classificados na minha frente, e na outra 22 classificados, procurei o secretario e ele me disse que não poderia mais me enganar, me contou pedindo segredo e disse que se eu o entregasse, ele negaria que era meu companheiro de partido, os comunistas estavam no partido de oposição, perguntou se eu conhecia o Dr. Benedito Nunes Dias, fiz de conta que não o conhecia, então ele me disse que o delegado da Ordem Política Social e o vice presidente da Faculdade de Direito e coordenador do curso de Direito e não querem te ver nos corredores da faculdade, me levou para conversar com o Presidente da faculdade e ao entrar na sala notei que sua mesa estava cheia de fotografias, no centro a minha em tamanho grande, saiu da sala com o secretario por alguns instantes, e logo voltou sorrindo, disse-me que eu deveria me dirigir a secretaria para fazer a minha matricula, pois já estava com um mês de atraso. Pouco tempo depois o Dr. Benedito Nunes Dias sofreu um derrame não pode mais comparecer a faculdade. Cheguei ao 2º ano, quando outro problema surgiu, o coordenador do curso de estagio era um delegado de policial, ele lecionava direito penal, disse aos meus colegas que eu era comunista e que para ser aprovado como estagiário no exame da OAB eu teria que “sentar em seu colo”, fiz a prova e tirei a nota oito, faltando assim dois pontos para alcançar a media necessária, apresentei uma sustentação no exame oral que foi considerado por todos os colegas como uma verdadeira aula de direito, mesmo assim todos os colegas de classe foram aprovados menos eu. Depois me inscrevi nos exames da OAB/SP, fui bem no exame escrito, fiz uma sustentação oral e fui habilitado na Ordem dos advogados, recebendo a minha carteira da OAB no dia 17 de outubro de 1987, o dia da Revolução Socialista da URSS.

